

Intensidade emocional de memórias autobiográficas: efeitos de sexo e ensaio repetido

Gustavo Gauer

André Madsen da Silveira

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG
Belo Horizonte, MG, Brasil

William Barbosa Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS
Porto Alegre, RS, Brasil

RESUMO

Investigações sobre diferenças de sexo na atribuição de qualidades fenomenais à recordação de eventos pessoais têm apresentado resultados controversos. Enquanto alguns estudos enfatizam que mulheres experimentam maior intensidade emocional e ensaiam memórias mais frequentemente (reminiscência), outros não encontraram diferenças significativas. Este estudo investigou efeitos de sexo sobre a intensidade emocional de memórias autobiográficas, tanto como qualidade fenomenal da experiência presente de recordação, quanto como propriedade atribuída retrospectivamente ao evento original. Participaram do estudo 66 estudantes de graduação, pareados por sexo e idade, que responderam a 16 itens do Questionário de Memória Autobiográfica (QMA) para diversos tipos de eventos autobiográficos. Mulheres tiveram escores mais altos em todas exceto uma escala (evento incomum). Imaginação visual e ensaio manifesto foram as únicas variáveis cujas diferenças foram estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Os resultados concordam com a literatura que tem encontrado diferenças de sexo pequenas, não-significativas, na atribuição que qualidades fenomenais a memórias autobiográficas. Defende-se uma abordagem que integre evidências de qualidades fenomenais e reminiscência.

Palavras-chave: memória autobiográfica; sexo; fenomenologia; emoção; reminiscência.

ABSTRACT

Emotional intensity of autobiographical memories: Effects of sex and rehearsal

Investigations of sex effects on qualities of recollective experiences have yielded controversial results. While some studies stress differences in emotional intensity and amount of overt rehearsal (reminiscence), others found no significant differences. This study inquired sex effects on emotional intensity of autobiographical memories. Were analyzed 66 Brazilian undergraduates' mean ratings (paired by sex and age) on 16 scales of the Autobiographical Memory Questionnaire (AMQ) across various types of autobiographical events, momentous ones being the most frequent. Women outscored men in all but one scale (unusual event). Visual imagery and overt rehearsal showed significant differences. Results concur with a pattern of small, non-significant sex differences in rating characteristics of AMs. An integrative view of phenomenal qualities and elements of verbal reminiscence is supported.

Keywords: Autobiographical memory; sex; phenomenology; emotion; reminiscence.

RESUMEN

Intensidad emocional de memorias autobiográficas: efectos de sexo y ensayo repetido

Investigaciones sobre diferencias de género en la asignación de cualidades fenomenales a la memoria de acontecimientos personales han mostrado resultados controvertidos. Algunos estudios muestran que mujeres tienen más intensa experiencia emocional y memorias de prueba con más frecuencia, mientras que otros no encontraron diferencias significativas. Este estudio investigó efectos de sexo en la intensidad emocional de recuerdos autobiográficos, como calidad fenomenal de la experiencia de este recuerdo, y como de propiedad atribuida, a posteriori, a el evento original. Participaron 66 estudiantes de graduación, pareados por sexo y edad, que han respondido a los 16 ítems del Cuestionario de Memoria Autobiográfica (AMQ) para diversos tipos de acontecimientos autobiográficos. Mujeres tuvieron puntuación más alta en todas excepto una de las escalas del AMQ. La imaginación visual y ensayo manifiesto fueron los únicos variables con diferencias estadísticamente significativas ($p < 0,05$). Los resultados están de acuerdo con la literatura que ha encontrado diferencias de género pequeñas, no significativas, en la asignación fenomenal cualidades a recuerdos autobiográficos. Se defiende un enfoque que integra las cualidades fenomenales y factores de reminiscencia.

Palabras clave: memoria autobiográfica; sexo; fenomenología; emoción; reminiscencia.

Modelos da memória autobiográfica (MA) tradicionalmente abordam os processos cognitivos componentes da capacidade de recordar conscientemente eventos pessoais. Em nome da abrangência, eles devem levar em conta diferenças individuais e influências contextuais sobre processos cognitivos (Rubin, Schrauf e Greenberg, 2003). Dentre as diferenças individuais, efeitos de sexo são presença freqüente na investigação dos mais variados fenômenos psicológicos, incluída a MA. Contudo, não há um consenso quanto à relevância que essas diferenças – assim como vários outros fatores sociais e culturais – devam ocupar na modelagem da MA.

Estudos empíricos têm apresentado resultados paradoxais sobre efeitos de sexo na MA (Lindsay, Wade, Hunter e Read, 2004), especialmente no que diz respeito às qualidades fenomenais¹ da experiência de recordação. Não há consenso quanto às funções, à abrangência de seus efeitos, e à ênfase que os modelos deveriam atribuir ao fator sexo. Por exemplo, o sexo pode ser visto como um importante componente em um modelo amplo das funções sociais de processos de reminiscência (Alea e Bluck, 2003), mas também pode ser considerado como uma variável a ser controlada em pesquisas transculturais (Wang e Conway, 2004). Devido aos dados controversos e à falta de um modelo consensual que aborde a relação entre a representação, as qualidades fenomenais, e a reminiscência social das memórias, são necessários mais dados sobre os efeitos de sexo em questões ligadas à MA (Alea e Bluck, 2003).

A seguir são considerados alguns modelos que abordam o sexo como um fator crucial para explicar as funções da reminiscência (recordação social) sobre a MA. Em seguida, revisam-se estudos sobre o efeito de sexo sobre as qualidades fenomenais de MAs, os quais não têm identificado efeitos de gênero significativos. Em virtude dos objetivos do estudo, optou-se por concentrar a revisão em investigações que testaram os efeitos de sexo sobre qualidades fenomenais de memórias, tal como avaliado pelos sujeitos durante a recordação.

DIFERENÇAS DE SEXO EM MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA: REMINISCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Um modelo conceitual das funções sociais da memória autobiográfica ao longo da vida considera o sexo, junto a idade e personalidade, como uma categoria componente das características do sujeito que recorda socialmente (Alea e Bluck, 2003). Outras três categorias amplas são as influências contextuais da vida do indivíduo, as características qualitativas das

memórias e a responsividade do ouvinte aliada à natureza da relação social que mantém com o falante. O sexo do participante influencia a freqüência de reminiscência, os tipos de funções sociais às quais a memória serve e quão bem ela serve à essas funções. A reminiscência, ou seja, a recordação social de eventos pessoais, cumpre papel central no argumento (Nelson e Fivush, 2004). Mulheres usam o relato de memórias autobiográficas com maior freqüência a fim de adquirir intimidade em relacionamentos, e que maior presença e intensidade de características qualitativas nas memórias delas potencializam as funções sociais da reminiscência (Alea e Bluck, 2003). Considera-se que o maior número de ensaios das memórias autobiográficas por parte das mulheres aumenta o nível de detalhes e a emocionalidade relacionada às representações dessas memórias. Da mesma forma, tem sido argumentado que contar as memórias autobiográficas é uma atividade típica de sexo feminino, embora outros fatores como idade também sejam aceitos como variáveis fortemente correlacionadas (Thorne, 2000).

A explicação para a diferença de sexos no relato da MA implicada nesses estudos está ligada à hipótese do estilo diferencial de reminiscência materna. Nelson e Fivush (2004) propuseram um modelo sociocultural e desenvolvimental para a emergência da memória autobiográfica em crianças pré-escolares. Considera-se que, apesar de nem todos os estudos encontrarem diferenças de sexos, a mulher adulta tem memórias de eventos da infância e adultez mais extensas, mais detalhadas, mais vívidas e mais carregadas emocionalmente. Ademais, mulheres relatam primeiras lembranças infantis mais antigas do que as dos homens. A hipótese explicativa refere-se a estilos de reminiscência maternos específicos. O argumento é que mães são mais elaborativas e avaliativas quanto à participação de suas filhas em eventos passados quando os recordam socialmente. Assim, mães teriam por hábito veicular maior conteúdo emocional em reminiscências com as meninas, o que levaria estas últimas a apresentarem maior interesse por recordar socialmente do que meninos. Na mesma linha de raciocínio sobre sexos e emocionalidade da MA, afirma-se que, durante a infância, as maiores diferenças entre sexos quanto à reminiscência seriam encontradas na expressão da emoção negativa, meninas expressando sentimentos de tristeza com maior freqüência do que meninos em suas narrativas (Thorne e McLean, 2002).

Em comum, os modelos citados enfatizam o contexto social e as funções sociais da MA, e elegem a reminiscência interpessoal como princípio explicativo e paradigma de investigação. De fato, muitos experimentos sobre diferenças entre sexos em MA usaram

paradigmas de reminiscência e dados sobre eventos relatados em narrativas orais ou escritas. Estudos sobre reminiscência ainda podem acrescentar avaliações fenomenais à coleta de dados e correlacioná-las com elementos de relatos verbais. Alguns desses estudos são revisados a seguir, junto a outros que investigaram apenas as qualidades fenomenais das MA.

DADOS SOBRE DIFERENÇAS DE SEXO EM MA: LEMBRANDO E CONTANDO

Numa revisão de estudos sobre diferenças de sexos em MA, Rubin, Schulkind e Rahhal (1999) encontraram uma literatura que relata pequenos efeitos desse fator. Mulheres apresentam escores maiores que homens na maioria das variáveis de MA, relativas tanto a quantidade de informações e detalhes recuperados, quanto à vivacidade de imagens na experiência de recordação. Entretanto, em geral as diferenças encontradas não são estatisticamente significativas. Ademais, quando outras variáveis tais como idade são analisadas, as diferenças entre sexos tendem a ser ainda menores. Quanto à distribuição das memórias ao longo do ciclo vital, não houve relato de diferenças significantes na literatura revisada por Rubin e colaboradores. Alguns aspectos de MAs nos quais mulheres se saíram ligeiramente melhores do que homens foram a acuidade da memória, a extensão dos relatos, a presença de um contexto espaço-temporal e avaliativo nos relatos, maiores índices de detalhamento e vividez, maior revelação pessoal e relato de memórias infantis originárias de idades mais tenras. Outra revisão apontou que, enquanto em alguns estudos mulheres mostraram melhor desempenho na recordação autobiográfica, outras investigações não encontraram nenhuma diferença significativa entre sexos (Lindsay e cols., 2004).

Davis (1999) investigou as diferenças de sexo em memórias autobiográficas de experiências emocionais da infância. Ao longo de cinco experimentos, o autor encontrou efeitos principais de sexo, as mulheres tendo mais memórias da infância, e acessando-as mais rapidamente para recordação do que homens. Ressalte-se que esses resultados foram específicos para eventos emocionais. Lindsay e colaboradores (2004) pediram a 70 indivíduos que relatassem memórias de eventos típicos da infância, tais como brincar na caixa de areia, visitar o Papai Noel no shopping ou ir a um baile na escola. As avaliações fenomenais das memórias feitas por homens e mulheres foram consistentemente equivalentes ao longo dos experimentos. Os autores levantaram a hipótese de que a tarefa altamente restrita e específica que usaram

atenuou as diferenças de sexo, em oposição a estudos com tarefas menos controladas de recordação livre que encontraram grandes diferenças entre sexos. Além disso, o melhor desempenho das mulheres pode ser devido à fluência verbal, dependendo da natureza dos dados. De qualquer forma, Lindsay e colaboradores não construíram uma hipótese específica sobre a diferença de sexos na avaliação da emocionalidade de eventos que encontraram em seu estudo.

Num estudo com 139 estudantes de graduação norte-americanos, Thorne e McLean (2002) buscaram diferenças entre sexos em quatro tipos de eventos definidores do *self*: ligados a um risco de vida, a relacionamentos, a conquistas e a lazer. Mulheres apresentaram maior número de memórias definidoras do *self*, mas a diferença não foi estatisticamente significativa. Foi encontrada uma interação entre sexo e idade com a reação cardíaca em resposta a memórias autobiográficas emocionais, a frequência cardíaca de mulheres mais jovens mais alta em emoções relacionadas à raiva (Labouvie-Vief e cols., 2003). Outrossim, não foram encontrados efeitos principais de sexo sobre a reatividade cardíaca ou na avaliação subjetiva dos participantes quanto à emoção. Pasupathi (2003) procurou por diferenças de sexo entre as emoções que acompanhavam o relato de eventos, comparado a emoções percebidas enquanto o evento em si estava ocorrendo. Nenhum efeito principal de sexo foi encontrado sobre emoções positivas ou negativas, mas foi encontrada uma interação entre sexo e idade: enquanto o nível de emoção experienciada de homens decresceu do momento da experiência do evento até o momento de relato do evento, o nível nas mulheres não sofreu nenhuma alteração significativa.

Num estudo transcultural com chineses e americanos adultos que comparou quatro avaliações que sujeitos fizeram de 20 memórias, foi encontrada uma interação entre cultura e sexo na frequência de ensaios e na vivacidade da memória, devida principalmente ao fato de homens americanos marcarem índices mais altos do que homens chineses em ambos (Wang e Conway, 2004). As outras variáveis, intensidade emocional e importância pessoal, não mostraram efeitos de sexo.

Bauer, Stennes e Haight (2003) coletaram relatos escritos à mão sobre experiências de duas fases: quatro experiências antes e quatro experiências depois dos sete anos de idade. Também se pediu aos participantes que avaliassem as memórias em sete escalas de qualidades da memória: confiança nos detalhes, frequência de discussão, significado pessoal, conteúdo visual e proposicional, raridade do evento, intensidade afetiva, e perspectiva em primeira/terceira pessoa. Nos

relatos escritos, se comparadas aos homens, mulheres mostraram um aumento significativo no uso de termos emocionais ao longo do tempo. Mulheres apresentaram narrativas mais longas, usaram mais termos se referindo a estados internos e usaram mais termos emocionais, embora esses dois últimos resultados só tenham sido encontrados em eventos anteriores aos sete anos de idade. De qualquer forma, não foram encontrados efeitos principais de sexo em qualquer das escalas de avaliação, nem na perspectiva pessoal. Na escala de significância pessoal, foi encontrada uma interação entre sexo e fase da vida. Os autores mencionam que as diferenças de sexo não são predominantes no repertório das memórias autobiográficas ao longo da vida. Em outro estudo, não foi encontrada relação significativa entre a coerência narrativa e o conteúdo de relatos escritos, e as avaliações subjetivas – importância, ensaios, emocionalidade, vividez e raridade – das mesmas memórias (Bohanek, Fivush e Walker, 2005).

Rubin, Schulkind and Rahhal (1999) questionaram se três componentes da distribuição de MAs (retenção, amnésia infantil e o fenômeno de *reminiscence bump*) são similares em homens e mulheres. Substantivos foram apresentados para quarenta adultos maduros e vinte estudantes de graduação, que recordaram um evento para cada substantivo. Eles também recordaram os cinco eventos mais marcantes de suas vidas. Não houve diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à distribuição de MAs gerais, MAs pessoalmente marcantes, ou conhecimentos sobre eventos públicos nos diversos períodos de suas vidas. Participantes avaliavam cada memória em cinco escalas: vivacidade, prazer, importância, novidade, ensaio e perspectiva. Nenhuma diferença entre sexos foi encontrada para a avaliação na amostra de adultos mais velhos, enquanto dois dos itens apresentaram diferenças na amostra dos estudantes de graduação, as mulheres tendo maiores médias na avaliação de vivacidade e novidade.

O PRESENTE ESTUDO

Neste estudo investigamos efeitos de sexo e ensaio repetido, tanto social quanto privado, sobre qualidades fenomenais de memórias autobiográficas. O objetivo é contribuir com evidências empíricas para a discussão relativa aos efeitos de sexo sobre características de memórias autobiográficas e sobre as propriedades atribuídas a eventos autobiográficos durante a recordação, e também para o estudo da fenomenologia da recordação autobiográfica em si.

A partir da revisão de estudos sobre diferenças de sexos sobre as MAs, elegemos cinco variáveis para

receber atenção especial como objetos de análise. A intensidade emocional, tanto experimentada durante a recordação quanto atribuída ao evento original, tem sido recorrentemente apontada como componente fundamental da MA, e apresenta resultados relevantes quando medida ou manipulada em estudos empíricos (Lindsay e cols., 2004; Pasupathi, 2003; Thorne e McLean, 2002; Labouvie-Vief e cols., 2003; Nelson e Fivush, 2004). O ensaio social (falar sobre o evento) é tido como sendo vinculado à variação da emocionalidade experimentada (Alea e Bluck, 2003), e em nosso estudo, adicionamos o ensaio privado (pensar sobre o evento) como variável relacionada. A avaliação do evento como significativo (Bauer, Stennes e Haight, 2003) também tem apontado resultados relevantes para o estudo de diferenças de sexos sobre a MA, e será também analisada.

MÉTODOS

Participantes

Os dados usados nesse estudo derivam de quatro de experimentos referentes a um projeto mais amplo sobre qualidades das memórias autobiográficas de eventos pessoais significativos e outras variedades de eventos. Os participantes eram estudantes de graduação de cursos introdutórios de psicologia em uma universidade privada localizada na área metropolitana de Porto Alegre, RS. A amostra total constou de 170 participantes, sendo 135 mulheres, com idade média de 22,6 anos (DP = 6,6), variando de 16 a 52 anos. Devido à grande diferença no tamanho dos grupos, e possível influência da idade, selecionamos para as comparações entre sexos uma subamostra de 33 homens e 33 mulheres adultos jovens (idades de 17 a 28 anos), pareados por idade e pelo experimento em que participaram originalmente. Os tipos de eventos e a quantidade de participantes amostrados de cada experimento estão apresentados em Anexo. Nessa amostra pareada, a idade média dos homens foi de 20,5 anos (DP = 2,9), variando de 17 a 28 anos; a idade média das mulheres era de 20,3 (DP = 3,1), variando de 17 a 27 anos.

Instrumentos e Procedimento

Os itens do Questionário de Memória Autobiográfica (QMA) consistem em afirmativas, com escalas *likert* de 1 a 7, referentes a características de memórias autobiográficas (Rubin, Schrauf e Greenberg, 2003). Esses itens perfazem três grupos, ou dimensões, quais sejam qualidades fenomenais das memórias, componentes de imaginação e propriedades atribuídas aos eventos (para uma revisão sobre este modelo, ver Gauer e Gomes, no prelo). O QMA não tem um

número fixo de itens, e sua concepção prevê flexibilidade na retirada ou acréscimo de itens, de acordo com os objetivos específicos das investigações. Algumas questões foram adaptadas da operacionalização fenomenológica de memórias tipo *flashbulb*² apresentado por Thomsen e Berntsen (2003).

Em relação aos dados do presente estudo, os itens do QMA variaram ao longo dos experimentos originais, mas 16 itens eram comuns a todos eles, e são esses os itens que foram comparados nesse estudo. No final de cada questionário, era requisitado dos participantes que datassem os respectivos eventos o mais precisamente possível. O primeiro autor traduziu os itens originais em inglês. Tanto a versão em inglês quanto a em português foram lidas e discutidas pela equipe formada pelo primeiro e segundo autores, e dois colaboradores bilíngües. A estrutura dos itens em português é um resultado desse trabalho do grupo. São exemplos de itens do QMA: *Lembrando o evento, eu posso vê-lo na minha mente* (variável *vê*); *Lembrando o evento, eu viajo de volta ao tempo em que ele aconteceu* (variável *de volta no tempo*); e *Este evento foi significativo para minha vida* (variável *marcante*).

Em cada um dos quatro experimentos originais, as pessoas eram convidadas, em sala de aula, a participar de uma pesquisa sobre memória humana. Esclarecia-se que seria pedido que lembrassem de uma série de eventos pessoais, preenchendo um questionário relativo a cada um dos eventos. Quando aceitavam participar, os participantes recebiam um livreto contendo duas cópias de um termo de consentimento livre e esclarecido já assinado pelo pesquisador responsável pelo projeto; um curto questionário demográfico para descrição da amostra; e instruções para recordarem de eventos pessoais e públicos diferentes, dando a eles títulos curtos, cada evento seguido das respectivas questões do QMA. Os participantes assinaram o termo de consentimento e o pesquisador deu instruções sobre como preencher as escalas do QMA, utilizando as duas primeiras questões como exemplo. Todos os dados foram colhidos pelo primeiro autor. Em todos os experimentos originais, a primeira tarefa apresentada aos participantes era recordar um evento marcante.

A análise de dados teve três fases. Numa primeira etapa de análise, procuramos pelos efeitos principais de sexo na amostra pareada de 66 participantes, comparando através de Testes *t* a média dos participantes em cada variável, incluindo todos os eventos que recordaram. A segunda fase consistia da comparação das avaliações feitas pelos mesmos 66 participantes unicamente para o evento marcante, buscando efeitos principais de sexo para todas as variáveis. Finalmente, foram feitas análises multivariadas

dos itens relacionados à características enfatizadas na literatura referente à diferenças de sexos na MA: *emoções, evento emocional, marcante, falou e pensou*.

Analisando a média das avaliações dos participantes nas 16 escalas ao longo dos eventos, pretendemos enfatizar as diferenças entre participantes. Analisando separadamente as avaliações dos participantes no evento marcante, esperamos contribuir para o esclarecimento de como o sexo pode influenciar diferentemente a recordação desse tipo específico de evento. Foi observado um nível de significância de 0,05 ao longo do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Efeitos de sexo sobre a média das avaliações individuais

No item *ver*, encontrou-se um efeito principal de sexo sobre a avaliação média que os participantes deram a todos os eventos recordados: $t(1,64) = 2,42$; $p < 0,05$. Ao longo de todos os itens do questionário, o valor atribuído pelas mulheres era em média maior do que o dos homens, exceto na variável *incomum*. Outrossim, esse resultado não foi estatisticamente significativo. A Tabela 1 mostra os escores médios por sexo para todos os eventos nos 16 itens.

TABELA 1
Médias e desvios-padrão das avaliações médias em todos os tipos de memórias, por sexo

	Homens		Mulheres		<i>t</i> (1,64)
	Média	DP	Média	DP	
Revive	4,46	1,28	4,84	1,16	1,27
Vê	4,29	1,13	4,59	1,20	2,42*
Ouve	5,27	1,00	5,85	0,85	1,04
Emoções	4,52	1,64	5,04	1,38	1,4
Cenário	6,00	0,96	6,14	0,78	0,66
Lembra	5,78	1,06	5,92	1,09	0,52
Em palavras	4,04	1,42	4,63	1,42	1,68
De volta no tempo	4,49	1,56	4,90	1,30	1,16
História	4,78	1,36	4,79	1,52	0,02
Marcante	4,82	1,52	5,18	1,17	1,08
Aconteceu	6,04	0,98	6,04	0,71	0,01
Pensou	4,69	1,15	4,95	1,14	0,94
Falou	4,02	1,03	4,37	1,35	1,18
Evento Emocional	5,14	1,31	5,18	1,25	0,12
Consequências	5,03	1,43	5,45	1,25	1,26
Incomum	4,45	1,26	4,12	1,30	1,03

* $p < 0,05$.

Efeitos de sexo sobre avaliações de eventos marcantes

Os resultados de testes de efeitos principais de sexo em avaliações de eventos marcantes estão resumidos na Tabela 2. Quanto às médias individuais, a única variável na qual homens tiveram valores superiores aos das mulheres foi *incomum*, mais uma vez sem significância estatística. O único efeito principal de sexo nas variáveis testadas foi para o *pensou*, $t(1,64) = 2,64$; $p < 0,05$, com mulheres apresentando valores significativamente mais altos do que os homens. Entretanto, com a idade do evento adicionada como co-variável, a diferença de sexo não foi significativa. Uma variável que mostrou uma diferença de sexo tendendo a significância marginal foi *em palavras* ($t = 1,91$; $p = 0,06$).

TABELA 2
Médias e desvios-padrão das avaliações de eventos marcantes

	Homens		Mulheres		t(1,64)
	Média	DP	Média	DP	
Revive	4,61	1,60	5,03	1,79	1,01
Vê	5,64	1,27	6,06	1,54	1,22
Ouve	4,52	1,48	4,94	1,73	1,07
Emoções	4,79	1,93	5,44	1,87	1,38
Cenário	6,47	1,02	6,47	1,14	0
Lembra	6,18	1,31	6,39	1,00	0,74
Em palavras	4,24	2,02	5,15	1,84	1,91
De volta no tempo	4,88	1,87	5,42	1,79	1,21
História	4,72	2,04	5,21	2,06	0,97
Marcante	5,61	2,06	6,33	1,31	1,71
Aconteceu	6,45	0,79	6,61	0,61	0,87
Pensou	5,33	1,55	6,27	1,33	2,64 *
Falou	4,58	2,15	4,94	2,19	0,68
Evento emocional	6,15	1,39	6,48	1,25	1,02
Conseqüências	5,61	1,97	6,12	1,22	1,28
Incomum	5,03	1,65	4,82	1,81	0,50

* $p < 0,05$.

Análises multivariadas da intensidade emocional e do ensaio

A partir dos resultados dos testes de efeitos principais, selecionamos seis itens para mais análises multivariadas. As variáveis *ver* e *pensou* apresentaram efeitos principais de sexo; *em palavras* tendeu a uma significância estatística marginal na comparação dos valores de eventos marcantes; *marcante* tendeu à significância marginal na comparação dos eventos

marcantes; e *incomum* foi o único item no qual os homens obtiveram valores mais altos do que mulheres em ambas as comparações, embora não significativamente.

Numa tentativa de abordar, mesmo que indiretamente, a relação entre intensidade emocional da representação de uma memória e durante a recordação, realizamos análises multivariadas (MANOVA) das variáveis *emoções*, *evento emocional* e *pensou*. Uma análise multivariada de *emoções* e *evento emocional* encontrou uma interação significativa entre sexo como fator, com idade enquanto co-variável ($F = 8,33$; $p < 0,01$; poder do teste = 0,99). Um entendimento possível desse resultado é apoiado pelos padrões de pontuação média ilustrados na Figura 1.

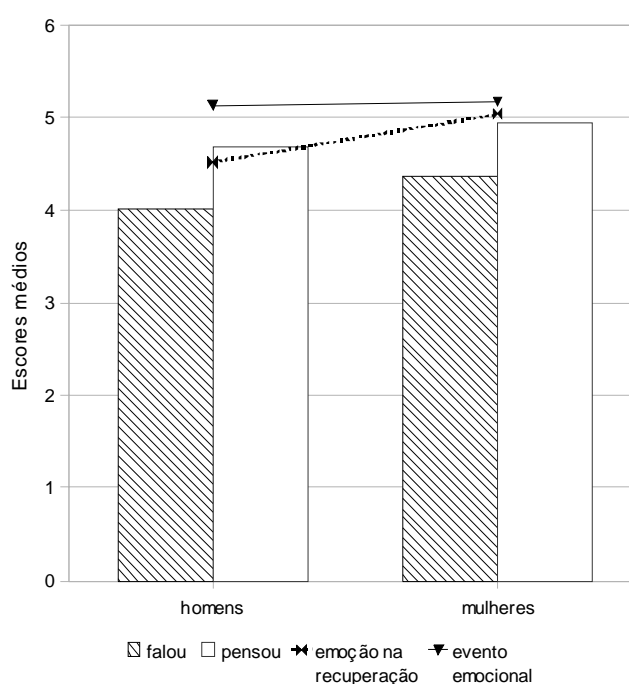


Figura – Médias dos homens e mulheres nas variáveis *evento emocional*, *emoção*, ensaio privado (*pensou*) e ensaio manifesto (*falou*).

A média dos homens em *emoções* foi consideravelmente mais baixa do que em *evento emocional*. A pontuação das mulheres em *evento emocional* era próxima à dos homens na mesma variável, mas a pontuação das mulheres na revivência de *emoções* foi mais alta do que a dos homens. A intensidade emocional do evento não foi diferente entre homens e mulheres, a frequência de ensaios sociais (*falou*) foi mais alta nas mulheres, e as mulheres reviviam mais as emoções durante a recordação. A variável *falou*, na qual mulheres tiveram pontuações significativamente mais altas em eventos marcantes, poderia ser uma

variável mediadora nessa situação, e portanto foi adicionada ao modelo multivariado, o que não levantou resultados significantes. O mesmo teste multivariado foi feito trocando a variável *falou* por *pensou* como co-variável, controlando, assim, o possível papel mediador dos ensaios privados sobre os padrões de intensidade emocional. Dessa vez, *pensou* mostrou estar significativamente relacionada à diferença na avaliação das emoções: as mulheres, que experimentaram mais emoções durante a recordação, também pensaram com maior frequência sobre os eventos do que homens.

Em outro estudo, uma análise fatorial apresentou dissociação interessante nas variáveis relacionadas à intensidade emocional (Gauer e Gomes, no prelo). A variável *emoções* (tal como experienciadas no momento da recordação) agrupou-se com qualidades fenomenais, sendo *evento emocional* correlacionada com as propriedades relatadas, mostrando ser remotamente atribuída ao evento no passado. De qualquer forma, estão correlacionados, e o fato de que estas duas variáveis referentes a conteúdos semelhantes estejam separadas em componentes distintos é evidência de uma importante dissociação entre o julgamento de características do evento, e a atenção à qualidades fenomenais presentes da recordação desse evento.

Diferenças de sexo na avaliação fenomenal de memórias autobiográficas

O resultado da avaliação dos participantes sobre os eventos autobiográficos, aqui apresentada, concordou com o padrão em que as diferenças de sexo são pequenas, a maioria com escores mais altos para mulheres, mas com poucos resultados estatisticamente significativos (Rubin, Schulkind e Rahhal, 1999). Resultados relacionados a algumas variáveis específicas ganham proeminência quando consideramos um aspecto que é considerado crucial às diferenças de sexo em memórias pessoais, que é a intensidade emocional, tanto como atribuída ao evento original quanto como re-experenciada durante a recordação. A relevância da emocionalidade na diferenciação da memória de mulheres e homens despontou de forma proeminente nos modelos teóricos (Alea e Bluck, 2003; Nelson e Fivush, 2004). Ainda assim, resultados de estudos empíricos recentes têm sido controversos, alguns estudos apresentando efeitos principais significativos de sexo sobre a emocionalidade (Davis, 1999; Lindsay e cols., 2004), enquanto outros não acharam tais efeitos (Bauer, Stennes e Haight, 2003; Labouvie-Vief, e cols., 2003; Pasupathy, 2003; Thorne e McLean, 2002; Wang e Conway, 2004).

Revedo modelos teóricos e estudos empíricos nesse tema, identificamos duas linhas de investigação

que lidam de forma diversa com a questão de efeitos de sexo sobre MA. Cada uma dessas linhas concede uma importância distinta ao sexo, de acordo com o papel que esse cumpre em seus respectivos modelos. Uma dessas linhas enfatiza as atividades de reminiscência social, e o importante papel das diferenças que o sexo desempenha nos modelos respectivos reflete uma preocupação com fatores contextuais e culturais que restringem as práticas de narração de histórias. A outra linha enfoca as qualidades fenomenais da experiência da recordação, e a menor preocupação com as diferenças de sexo parece estar ligada com uma tentativa de oferecer modelos que apresentam uma explicação mais caracteristicamente cognitiva, no nível intrapessoal. Tais abordagens de investigação parecem divorciadas, mas o encontro da experiência fenomenal individual com a expressão interpessoal das memórias autobiográficas é um elemento chave na explicação da memória autobiográfica, tanto como habilidade cognitiva, quanto como constituinte de uma interação interpessoal que se dá através da comunicação. Por exemplo, o ensaio explícito (equivalente à reminiscência social) e a coerência narrativa são variáveis importantes em questões fenomenológicas; por outro lado, componentes dos relatos autobiográficos feitos em forma de história, tais como detalhamento do contexto, vividez e emocionalidade, são qualidades fundamentais da experiência de recordação.

Implicações para modelos de reminiscência

Apesar de histórias serem uma forma natural de comunicar conteúdo autobiográfico, elas são construções altamente relacionadas à cultura. Um conceito cultural de autobiografia, que inclua uma série de eventos normativos e de fases da vida, é um elemento crucial na atribuição de coerência ao relato de um indivíduo sobre sua história de vida (Bluck e Habermas, 2001). Ambas as linhas de investigação – reminiscência e estudos de qualidades fenomenais – compartilham de argumentos comuns para explicação de por que as diferenças de sexo existem e são significantes, ou existem mas não são tão significantes e importantes no entendimento da memória autobiográfica.

Como exemplo desses argumentos, tome-se o aspecto das atividades de contar histórias autobiográficas encorajadas pelos pais nos primeiros anos de vida da criança. Essas parecem ser notavelmente diferentes para meninos e meninas, sendo as últimas estimuladas para lidarem com suas emoções. Para Rubin, Schulkind e Rahhal (1999), esse fato não implica em que a recordação autobiográfica seja essencialmente diferente para homens e mulheres adultos. Para Thorne (2000), por outro lado, a educação nesse caso é altamente influente, implicando em diferenças cru-

ciais entre homens e mulheres ao contarem histórias autobiográficas.

Os resultados aqui apresentados, embora não lidem diretamente com relatos verbais, não corroboram a hipótese favorável à influência social do ensaio sobre a redução da intensidade emocional ao longo do tempo. Encontramos resultados semelhantes aos dados de Pasupathi (2003), de que homens apresentam maior redução na avaliação da intensidade emocional do evento emocional comparada à avaliação no momento da recordação. Na verdade, o contraste encontrado foi entre emoções experienciadas e intensidade emocional remotamente atribuída ao evento, mas os resultados parecem poder ser interpretados de forma semelhante, a emocionalidade decaindo mais para homens do que para mulheres. A adição das duas variáveis de ensaio representa um passo além na forma como avaliamos se o ensaio social estaria interagindo com o sexo nesse resultado, embora esse não fosse o caso. Pelo contrário, o ensaio privado não apenas apresentou um efeito principal de sexo na pontuação de eventos marcantes, como também demonstrou interagir com o sexo na explicação de padrões de intensidade emocional.

Apesar de modelos de reminiscência se preocuparem principalmente com as práticas de expressão relacionadas à MA, suas explicações restringem conceitos gerais e aspectos da MA. Por exemplo, tais modelos implicam em postulados específicos sobre a natureza da relação entre eventos, suas representações e a expressão verbal de MAs, assim como sobre o papel da narrativa. Além disso, alguns estudos dessa tradição sustentam que a MA é um fenômeno socialmente construído, subestimando assim a relevância de aspectos alegadamente individuais da MA, tais como estados fenomenais, processos cognitivos e propriedades atribuídas a eventos.

Outra visão que foi postulada sobre o mesmo tema é que a investigação não deveria buscar as características do evento em si, mas favorecer outros fatores para explicar a memória autobiográfica (Bauer, Stennes e Haight, 2003). Contudo, esta última posição não parece ser a mais prolífica, na medida em que limita antecipadamente as possibilidades de exploração de um fenômeno complexo e rico em suas manifestações. Os dados aqui apresentados são uma das muitas possibilidades de contribuição a uma abordagem que vê complementaridade na relação entre representações de memória e as narrativas de memória (Wang e Conway, 2004). Entende-se que uma abordagem integrativa como esta é a que mais se aproxima de permitir a postulação de modelos compreensivos da memória autobiográfica, englobando seus aspectos social, psicológico e neural.

ANEXO

Tipos de eventos na ordem original em que foram apresentadas no experimento e número de participantes selecionados em cada experimento.

Nº do experimento	Nº de participantes selecionados	Eventos recordados no experimento
1	20	1) Evento marcante da vida do participante 2) Evento relacionado a 1) 3) Primeira memória na infância 4) Evento relacionado a 3) 5) Evento ocorrido no último aniversário do participante 6) Evento relacionado a 5)
2	30	1) Evento marcante da vida do participante 2) Cena da infância 3) Cena da adolescência
3	6	1) Evento marcante da vida do participante 2) Primeira aula na faculdade
4	10	1) Evento marcante na vida do participante 2) Evento relacionado a 1) 3) Notícia pessoal marcante 4) Notícia pública marcante (ataques terroristas de 11 de setembro ou morte de Ayrton Senna)

REFERÊNCIAS

- Alea, N., & Bluck, S. (2003). Why are you telling me that? A conceptual model of the social function of autobiographical memory. *Memory, 11*, 2, 165-178.
- Bauer, P. J., Stennes, L., & Haight, J. C. (2003). Representation of the inner self in autobiography: women's and men's use of internal states language in personal narratives. *Memory, 11*, 1, 27-42.
- Bluck, S., & Habermas, T. (2001). Extending the study of autobiographical memory: thinking back about life across the life span. *Review of General Psychology, 5*, 2, 135-147.
- Bohanek, J.G., Fivush, R., & Walker, E. (2005). Memories of positive and negative emotional events. *Applied Cognitive Psychology, 19*, 51-66.
- Brown, R. & Kulik, J. (2000). Flashbulb memories. In U. Neisser & I.E. Hyman Jr (Orgs.). *Memory observed: Remembering in natural contexts*, (2ª ed.) (pp. 51-65). (original publicado em 1977).
- Davis, P.J. (1999). Gender differences in autobiographical memory for childhood emotional experiences. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*, 3, 498-510.
- Gauer, G., & Gomes, W.B. (no prelo). Recordação de eventos pessoais: Memória autobiográfica, consciência e julgamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Johnson, M.K., Foley, M.A., Suengas, A.G., & Raye, C.L. (1988). Phenomenal characteristics of memories for perceived and imagined autobiographical events. *Journal of Experimental Psychology: General, 117*, 4, 371-376.

- Labouvie-Vief, G., Lumley, M. A., Jain, E., & Heinze, H. (2003). Age and gender differences in cardiac reactivity and subjective emotion responses to emotional autobiographical memories. *Emotion, 3*, 2, 115-126.
- Lindsay, D.S., Wade, K.A., Hunter, M.A., & Read, J.D. (2004). Adults' memories of childhood: Affect, knowing, and remembering. *Memory, 12*, 1, 27-43.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: a social cultural developmental theory. *Psychological Review, 111*, 2, 486-511.
- Pasupathi, M. (2003). Emotion regulation during social remembering: differences between emotions elicited during an event and emotions elicited when talking about it. *Memory, 11*, 2, 151-163.
- Rubin, D.C., Schrauf, R.W., & Greenberg, D.L. (2003). Belief and recollection of autobiographical memories. *Memory & Cognition, 31*, 6, 887-901.
- Rubin, D.C., Schulkind, M.D., & Rahhal, T.A. (1999). A study of gender differences in autobiographical memory: Broken down by age and sex. *Journal of Adult Development, 6*, 1, 61-71.
- Thomsen, D., & Berntsen, D. (2003). Snapshots from therapy: Exploring operationalisations and ways of studying flashbulb memories for private events. *Memory, 11*, 6, 559-570.
- Thorne, A. (2000). Personal memory telling and personality development. *Personality and Social Psychology Review, 4*, 1, 45-56.
- Thorne, A., & McLean, K.C. (2002). Gendered reminiscence practices and self-definition in late adolescence. *Sex Roles, 46*, 9/10, 267-277.
- Wang, Q., & Conway, M.A. (2004). The stories we keep: autobiographical memory in American and Chinese middle-aged adults. *Journal of Personality, 72*, 5, 911-938.
- Webster, J.D. (2003). The reminiscence circumplex and autobiographical memory functions. *Memory, 11*, 2, 203-215.

Recebido em: 11/07/2008. Aceito em: 08/09/2008.

Notas:

¹ O conceito de qualidades fenomenais refere-se ao conteúdo, acessível por introspecção, que caracteriza a experiência subjetiva de um determinado estado consciente.

² Memórias tipo *flashbulb* caracterizam-se pela recuperação de eventos altamente memoráveis com presença profusa e vívida de informação sobre o contexto em que o sujeito o testemunhou (Brown e Kulik, 1977/2000).

Autores:

Gustavo Gauer – Psicólogo, com Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Departamento de Psicologia da UFMG, pesquisador nas áreas de Psicologia Cognitiva, Epistemologia e História da Psicologia.

André Madsen da Silveira – Estudante de graduação em Psicologia na UFMG, Bolsista de Iniciação Científica pela FAPEMIG.

William Barbosa Gomes – Psicólogo, PhD pela Southern Illinois University em Carbondale. Professor Associado no Departamento de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde coordena o Laboratório de Fenomenologia e Cognição; atualmente é Pesquisador 1-A do CNPq.

Endereço para correspondência:

GUSTAVO GAUER
Departamento de Psicologia – UFMG
Av. Antonio Carlos, 6627 – FAFICH, s. F-4064
C31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil
E-mail: gauer@ufmg.br